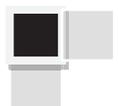
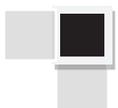


# INTRODUÇÃO AOS ESTUDOS DE TRADUÇÃO





# INTRODUÇÃO AOS ESTUDOS DE TRADUÇÃO

Andrea Kahmann

## APRESENTAÇÃO

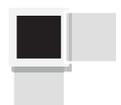
Olá, estudante!

Seja bem-vindo à disciplina Introdução aos Estudos de Tradução. Nossa jornada irá dividir-se em 4 unidades, a saber: (1) a importância da tradução num mundo globalizado; (2) descobrindo a tradução; (3) tradução, língua e cultura; (4) tradução e interpretação.

Na primeira unidade, pensaremos a missão de traduzir num mundo com tantos e tão diferentes idiomas e repensaremos alguns “mitos” que circundam os estudos de línguas estrangeiras. Por exemplo: você sabe qual é a língua mais falada no mundo? Você deve pensar que é o inglês, pois este é o idioma ensinado em quase todas as escolas brasileiras, não é? Contudo, é o mandarim a língua materna mais falada no mundo, seguida do hindi. E você já ouviu falar na torre de Babel? Já pensou na possibilidade de existir um idioma universal? Ficou curioso? Pois esses são alguns dos interessantes debates que nos reservam os nossos estudos.

Você conhece a história da tradução? Sabia que traduzir a Bíblia do latim para ser compreendida pelas pessoas comuns já foi considerada “heresia” e causa de grandes conflitos? Várias guerras já foram desencadeadas por causa da tradução! Isso é o que vamos estudar na unidade 2. Ademais, nessa unidade vamos conhecer os tipos de tradução. Isso mesmo! Traduzir é muito mais do que transpor de uma língua escrita a outra! Estamos traduzindo também quando fazemos transposições de obras literárias para o cinema ou quando editamos uma versão para crianças de um livro de adultos. Legal, não é?

Já na terceira unidade, aprofundaremos a ideia de equivalência, compreendendo o processo mental e os objetivos que pode ter uma tradução. Você é daqueles que pensam que com



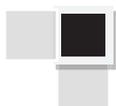
um dicionário e o tradutor do Google é capaz de traduzir qualquer coisa? Pois é nessa unidade que veremos o quão equivocado você está... Afinal, a cultura é elemento importantíssimo de qualquer tradução. E somente o homem será capaz de bem analisar e traduzir a cultura.

Agora, responde rápido: qual é a diferença entre tradutor e intérprete? Tem certeza? Depois desta quarta unidade, você terá certeza sim. Discutiremos, também, questões éticas relativas ao exercício da profissão e compreenderemos as diferentes estratégias de tradução / interpretação: simultânea, consecutiva, sussurrada.

Deu água na boca? Estudar tradução é uma delícia... E ao fim desta disciplina você estará prontinho para aprofundar seus conhecimentos nos Estudos da Tradução e poder começar o seu caminho profissional de tradutor / intérprete de Português – Libras.

É muito bom tê-lo conosco nesta caminhada!

Forte abraço, Andrea.



# UNIDADE 1

## A IMPORTÂNCIA DA TRADUÇÃO NUM MUNDO GLOBALIZADO

Antes de ingressarmos nos estudos de tradução, é necessário compreender o mundo em que vivemos. Você sabe o que é globalização? Você sabe quantos idiomas são falados no mundo? Você sabe quais são as línguas mais importantes no mundo dos negócios? E da religião? E da ciência? Não??? Está disposto a aprender? Então vamos lá!

Leia a seguinte notícia, publicada no jornal alemão Deutsche Welle:

ALEMANHA | 24.09.2002

### Metade das línguas faladas no mundo sob ameaça de extinção



Preservar o idioma é preservar a cultura de um povo

**Atualmente existem cerca de 6500 línguas diferentes em todo o mundo. Quase metade é falada com pouca frequência. As chamadas línguas minoritárias e os dialetos estão sob forte ameaça de extinção.**

A informação é da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco) a partir de um estudo que analisa a pressão exercida naturalmente pelas línguas dominantes e a repressão política, apontadas como principais responsáveis pelo possível extermínio de cerca da metade dos 6500 idiomas falados em todo o mundo.

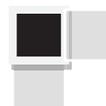
Tal redução pode causar sérios danos à riqueza Linguística mundial, conforme dados do relatório. O texto alerta que o desaparecimento de uma língua acarreta na perda definitiva de uma parte insubstituível do conhecimento humano. Em outras palavras, quando uma língua morre leva consigo a cultura do povo que praticava o idioma. E isso é irreversível. (...)

Na Europa são faladas 230 línguas, enquanto no continente asiático são 2200. Na África, 550 línguas das 1,4 mil existentes poderão sumir em breve. O estudo cita ainda países como Japão, Filipinas e Papua Nova Guiné. Nesta região do Pacífico concentram-se atualmente um terço de todas as línguas faladas no mundo.

Os idiomas francês, espanhol, chinês e russo sufocaram as línguas minoritárias em seus países. A principal causa seria a globalização, que indiretamente padroniza o idioma de cada nação. Isso faz com que as línguas que não são oficiais acabem sendo pouco valorizadas e faladas por um número cada vez menor de pessoas. (...)

Marion Andrea Strüssmann

(Fonte: <http://www.dw-world.de/dw/article/0,,643024,00.html>)



A notícia retrata a grande preocupação da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco) frente ao iminente desaparecimento de metade das línguas faladas no mundo, as quais se calcula que sejam 6.500. Contudo, não fica claro se nessa cifra foram incluídas apenas as línguas orais ou também as de sinais, nem se foram computadas apenas as línguas naturais ou também as artificiais. Portanto, é possível concluir que talvez o número de línguas existentes no mundo seja superior a 6500. Alguns estudos, com efeito, falam em 6700! Mesmo que se realizem as previsões da Unesco e esse número se reduza pela metade, ainda assim... **são muitas línguas!**

Esse é um contexto que não se deve perder de vista quando se fala em tradução...

---

## A Torre de Babel

Conforme o Antigo Testamento, a razão para tantas e tão variadas línguas encontra explicação na passagem da “Torre de Babel”, que teria sido construída na Babilônia pelos descendentes de Noé. A intenção deles era fazer uma torre tão alta que ela chegasse a alcançar o céu. Deus percebeu que, sendo um único povo e falando uma única língua, esses homens não teriam limites em suas ambições. Decidido a castigá-los, o Senhor confundiu-lhes as línguas e as espalhou por toda a Terra.



A Torre de Babel. Pieter Bruegel. Óleo sobre painel, 1563, [Museu Kunsthistorisches](https://www.museo.kunsthistorisches.com/), Viena, Áustria.

Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Torre\\_de\\_Babel](http://pt.wikipedia.org/wiki/Torre_de_Babel)

A narrativa bíblica da “Torre de Babel” ilustra a angústia dos homens em frente a tantas formas diferentes de comunicar. Para podermos nos relacionar uns com os outros, tivemos de aprender idiomas e criar estratégias de tradução. Ao longo da história da humanidade, os tradutores foram figuras centrais no desenvolvimento das civilizações. A atividade tradutória sempre se fez necessária na resolução de questões militares e comerciais entre povos de línguas diferentes, além de promover o enriquecimento da cultura e a integração entre os envolvidos.

É através da tradução que se estabelecem, ainda hoje, as alianças entre os diferentes países. É também por meio dela que recebemos grande parte das notícias internacionais e temos acesso à cultura e literatura de outros povos. No Brasil, calcula-se que cerca de 60 a 80% dos textos publicados e que 75% do saber científico e tecnológico provêm das traduções entre diferentes línguas.

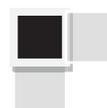
---

## Reconstruindo Babel: o sonho da língua universal

Foram muitas as tentativas de criar uma língua que fosse facilmente aprendida por todos e que, não sendo representativa de nenhuma cultura ou comunidade étnica, pudesse se consolidar como língua franca do comércio internacional e da diplomacia. O **esperanto** é a mais conhecida dentre as línguas artificiais criadas com esse propósito.

Ludwik Lejzer Zamenhof nasceu em Białystok, atual território da Polônia, lugar em que moravam muitos povos diferentes e onde se falavam muitas línguas. Crescendo nesse contexto em que uns não conseguiam se comunicar com outros, Zamenhof idealizou uma língua auxiliar neutra, que fosse de fácil aprendizagem e não significasse a imposição de uma cultura ou um povo sobre os demais. Assim, ele projetou o esperanto, cuja versão inicial foi publicada em 1887. Nesse primeiro livro, Zamenhof apresenta a versão do “Pai Nosso” em esperanto:

Patro nia, kiu estas en la ĉielo,  
sankta estu Via nomo,  
venu reĝeco Via,  
estu volo Via,  
kiel en la ĉielo, tiel ankaŭ sur la tero.  
Panon nian ĉiutagan donu al ni hodiaŭ  
kaj pardonu al ni ŝuldojn niajn  
kiel ni ankaŭ pardonas al niaj ŝuldantoj;  
ne konduku nin en tenton,  
sed liberigu nin de la malvera,  
ĉar Via estas la regado, la forto kaj la gloro eterne.  
Amen!



Os esperantistas ainda hoje lutam para legitimar o idioma nas comunicações internacionais e consolidá-lo como língua universal.

**Língua artificial** (em oposição à língua natural) é todo idioma planejado, construído com um fim específico, em lugar de ser a evolução natural como parte de uma comunidade étnica ou da cultura de algum povo. Algumas línguas artificiais (como o esperanto e o ido) são construídas para facilitar a comunicação humana; outras, servem como códigos secretos. Há, ainda, as que servem para experimentos lógicos e algumas são construídas apenas com finalidade artística.

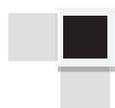


Você viu o filme “Avatar”? Lembra qual é o idioma usado pelos Na'vi, a raça alienígena nativa da lua Pandora? Não?



Fonte: pt.wikipedia.org

Quando o diretor James Cameron começou a idealizar o roteiro de “Avatar”, percebeu que os alienígenas de seu filme não seriam verossímeis se se comunicassem em inglês ou qualquer outra língua natural humana. Assim, ele pediu ajuda a Paul Frommer, professor da University of Southern California, com vistas a projetar uma língua própria para seus personagens. Cameron



estava interessado na criação de um idioma que fosse diferente de todas as línguas humanas existentes, mas suficientemente fácil de ser aprendida pelos atores do filme. Assim, surgiu a língua Na'vi, criada especialmente para “Avatar” e com palavras como “Skxawng!”, que poderia ser traduzida por “idiota!”.

Os surdos também criaram a sua língua universal. O **Gestuno** (ou **Língua Gestual Internacional** - ou **Língua Internacional de Sinais**, no Brasil) é uma linguagem auxiliar internacional, com forte influência da língua de sinais italiana, e é muitas vezes usada pelos surdos em conferências internacionais, ou informalmente, quando viajam.



Qual é a sua opinião?

Se o esperanto se consolidasse como língua universal, desapareceria a figura do tradutor?

Se o gestuno se consolidasse como língua internacional dos surdos, já não seria necessário o intérprete?

Nós acreditamos que a tradução continuará sempre existindo. Afinal, o propósito do esperanto e do gestuno nunca foi o de substituir as línguas naturais, mas, isto sim, de ser ensinado às pessoas como uma segunda língua que pudesse servir de língua franca para todos os negócios e eventos internacionais. Além disso, devemos lembrar que sempre existirão os ouvintes e os surdos. Portanto, mesmo que todos os ouvintes do mundo passassem a se comunicar em esperanto e que todos os surdos do mundo se comunicassem apenas em gestuno, ainda assim seria necessária a tradução de um para o outro.



Há, também, outras formas de tradução que não apenas aquelas entre línguas diferentes. Essa e outras idéias serão desenvolvidas mais adiante.





Fonte: portaldoprofessor.mec.gov.br

## Língua portuguesa: desconstruindo alguns “mitos”

- O português é uma das línguas mais faladas no mundo. É a língua do colonizador de Portugal que irmana os brasileiros aos lusitanos. E nós todos aos irmãos de Moçambique, Angola, Cabo Verde, Guiné Bissau, São Tomé e Príncipe e Timor Leste. Correto?

- Depende...

A língua portuguesa é a língua oficial da República Federativa do Brasil, nos termos do art. 13, caput, da Constituição. Portanto, essa é a língua que os representantes da nação utilizarão nas leis, nos documentos oficiais e em qualquer tipo de comunicação entre governo e cidadãos. Conhecer a língua portuguesa é dever de todo cidadão brasileiro, é a forma de exercer a cidadania e lutar por direitos. Mas ela não é a única língua falada no Brasil. E nem por todos aqueles que vivem em países lusófonos.

- Um surdo brasileiro e um surdo português se encontram. Eles vão se entender perfeitamente, afinal, ambos vêm de países que falam a mesma língua, certo?

- Errado!

No caso dos surdos, não se pode falar numa comunidade lusófona. As línguas de sinais são línguas naturais com léxico e gramática próprios, que evoluem de forma diferente. Cada comunidade surda desenvolveu sua própria língua de sinais. A Língua Brasileira de Sinais (Libras) tem uma história peculiar, e apresenta léxico e gramática que não têm relação com a Língua Gestual Portuguesa (LGP). Portanto, se um surdo brasileiro for a Portugal, ele precisará de um intérprete Libras – LGP para se comunicar com os surdos portugueses.

- Todos os ouvintes do Brasil falam o português, não é?

- Errado!

De fato, **estima-se que, atualmente, sejam faladas em nosso país 180 outras línguas além do português**. E veja bem: na cifra apresentada, foram desconsideradas todas as línguas que os

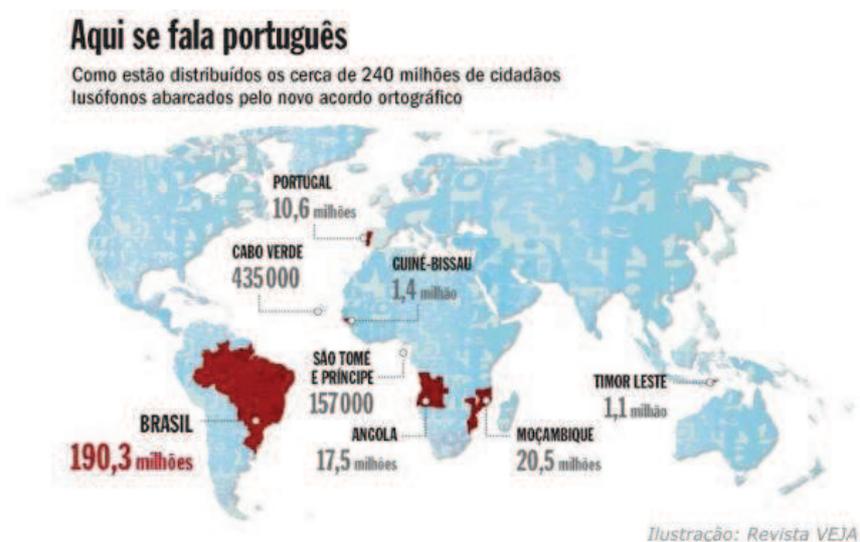
brasileiros aprendem como idioma estrangeiro, as línguas estrangeiras faladas nas comunidades de imigrantes e também todos os dialetos (variantes que, por não compor gramática sistematizada, nem literatura escrita, não se enquadram na categoria de “língua”). Esse cálculo tampouco considera a língua brasileira de sinais. Os dados foram apresentados pela Revista Superinteressante, na matéria “Moro num país poliglota... quantas línguas são faladas no Brasil?” publicada em agosto de 2007.

Fonte: [http://super.abril.com.br/superarquivo/2007/conteudo\\_519768.shtml](http://super.abril.com.br/superarquivo/2007/conteudo_519768.shtml)

- A língua portuguesa está entre as mais faladas no mundo.

- Ela é a 6ª língua materna mais falada no mundo.

A língua portuguesa é falada, com variações, por 240 milhões de pessoas ao redor do mundo, distribuídas em quatro dos cinco continentes:



Fonte: [veja.abril.com.br](http://veja.abril.com.br)

Apesar disso, ela não está no topo das línguas maternas mais faladas no mundo. Conforme publicado no site de notícias Terra, o português é a 6ª língua materna mais falada no mundo, atrás de algumas das quais suponho que você nunca tenha escutado... Faça o teste:

1º Mandarim (874 milhões de falantes)

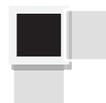
2º Hindi (366 milhões)

3º Espanhol (358 milhões)

4º Inglês (341 milhões)

5º Bengali (289 milhões)

(Fonte: [noticias.terra.com.br/educacao](http://noticias.terra.com.br/educacao))



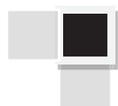


Você conhece alguma palavra nesses cinco idiomas mais falados? De todos? Sabe onde esses idiomas são falados? Pesquise!

Com relação à nossa proposta de desconstruir mitos, porém, tenha em conta o seguinte: **não é o fato de uma língua ser falada por muitas pessoas que faz com que ela seja a mais importante.** Se fosse assim, o mandarim e o hindi seriam os idiomas dos negócios e ensinados em todas as escolas. É a dimensão política e o poderio econômico dos países de língua inglesa que fazem com que esse idioma conserve a importância que tem no plano internacional e seja considerado língua franca nas transações comerciais e na esfera diplomática.

**Lingua franca** é como chamamos a língua de contato ou de relação que assume, num determinado período histórico, ou numa determinada região, importância especial nas relações de contato e nas comunicação entre grupos ou membros de grupos linguisticamente distintos para o comércio internacional e outras formas de interação.

Durante o Império Romano, a língua franca na comunicação com o oriente foi o grego, e, para o ocidente, o latim. De fato, o latim foi a língua franca das ciências e das artes até o século XVI. Na maior parte da África e Ásia e em parte da Europa e Oceania, o árabe foi a língua franca desde o século VII, especialmente nas relações comerciais e na religião islâmica. A partir do século XVII, o francês assumiu o posto de língua franca da diplomacia e até hoje é usado por muitas instituições internacionais. Durante o século XIX e início do século XX, o alemão foi a língua franca em grande parte da Europa, especialmente nos negócios. Foi somente na segunda metade do século XX, após a II Guerra Mundial, que o inglês assumiu o posto de língua franca do comércio e da diplomacia. Os Estados Unidos se empoderaram política, militar e economicamente após a derrota da Alemanha nazista e tiveram atuação decisiva na criação da Organização das Nações Unidas (ONU). Esta organização internacional foi fundada em 1945, ano em que se encerra a II Guerra, com o objetivo de impedir que crimes contra a humanidade voltassem a acontecer. Além do inglês, a ONU tem outros cinco idiomas oficiais: o francês, o espanhol, o russo, o árabe e o chinês. Não é casualidade que se considerem idiomas oficiais da ONU as línguas das potências vencedoras da guerra que repartiram a Alemanha derrotada em quatro partes: Estados Unidos e Reino Unido (inglês), França (francês) e a ex-União Soviética (russo). Além disso, observe que o



alemão não é língua oficial da ONU, apesar da sua importância atual e de ter sido língua franca na Europa dos negócios até o início do século XX. O mesmo ocorre com o italiano e o japonês, pois Itália e Japão foram países que apoiaram o Eixo nazista.

Significa dizer que são questões políticas, econômicas e militares, muito mais do que “beleza”, “funcionalidade” ou quantidade de falantes de um idioma que faz com que ele assuma importância do plano internacional e se configure como língua franca.



Qual é a sua opinião?

Vamos imaginar que os surdos fossem maioria no mundo. Você acredita que a língua de sinais seria língua franca nas negociações internacionais?

Nós acreditamos que não. Afinal, se questões numéricas fossem determinantes para consolidar uma língua franca, o mandarim e o hindi seriam as línguas mais importantes do mundo, pois são as faladas por mais pessoas. Veja o caso do inglês: é o poderio econômico, político e militar de duas grandes potências (Estados Unidos e Inglaterra) que faz com que esse idioma seja a língua mais usada no comércio e na diplomacia hoje.



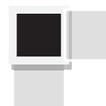
Curiosidade...

Quando, em 2009, Ahmadinejad, Presidente do Irã, veio ao Brasil para encontrar-se com o Presidente Lula, foi por meio de um complexo sistema de tradução que eles se comunicaram. Como não existem tradutores de farsi (que é a língua oficial do Irã) direto para o português, houve a necessidade de se fazer a tradução do farsi para o inglês e depois a tradução do inglês para o português. Só assim os brasileiros puderam compreender as falas do presidente iraniano.



Mahmoud Ahmadinejad, presidente do Irã, e Luiz Inácio Lula da Silva, presidente do Brasil.

Fonte: [www.estadao.com.br](http://www.estadao.com.br)



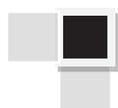
A tradução não dá voz às minorias, mas faz com que o discurso delas seja compreendido pelos demais. Sob essa ótica, a tradução não é apenas uma arte, mas um direito! É direito do surdo exigir que suas ideias sejam “ouvidas” pela via da tradução. Assim como é direito do indígena se manifestar em sua língua e ser compreendido pelo homem branco.

Alguns países elaboram leis sobre o direito de usar um idioma. Na Espanha, por exemplo, que tem três comunidades autônomas bilíngues (Galícia, Catalunha e País Basco), a Constituição Espanhola regulamenta o direito dos cidadãos dessas comunidades de se manifestarem em suas próprias línguas (o galego, o catalão e o basco). Ao mesmo tempo, inscreve que o idioma oficial é o espanhol e que “todos têm o dever de conhecê-lo e o direito de usá-lo”. Também o Canadá regulamenta o bilingüismo (inglês e francês) e confere à população o direito de manifestar-se e de ser atendido nos órgãos públicos em seu idioma de origem.

### Para não esquecer!

Conceitos estudados na unidade 1:

- \* língua universal
- \* língua natural
- \* língua artificial
- \* língua franca



# Unidade 2

## Descobrimo a tradução

Na unidade anterior, vimos que a tradução assume especial importância no mundo globalizado. Vimos também que algumas línguas dominam o cenário dos negócios, da diplomacia e das ciências. Contudo, a tradução não é nenhuma invenção da modernidade. De fato, seria possível argumentar que a tradução existe desde que o mundo é mundo, ou, ao menos, desde que existe comunicação. E a tradução assume outras proporções do que meramente transpor de uma língua a outra. É possível traduzir, inclusive, dentro da mesma língua! Vamos saber mais?

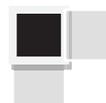
---



Fonte: enciclopedia.com.pt

Estima-se que a tradução diplomática, pela sua utilidade, exista há mais de quatro milênios. Na Grécia Antiga, embaixadores eram enviados em missões especiais para as diferentes regiões com a missão de entregar mensagens, intercambiar oferendas e sustentar os pontos de vista de seu povo diante dos governantes. Para esse contato, evidentemente, eram necessários tradutores e intérpretes.

Contudo, foi entre os romanos que surgiram as primeiras teorias sobre tradução. Horácio e Cícero, que traduziam do grego, refletiram sobre as dificuldades de transportar a mensagem



produzida numa língua para a compreensão dos leitores em outro idioma. É curioso observar que eles tinham uma visão peculiar de tradução. No Império Romano, a camada letrada da população dominava o grego; as traduções feitas desse idioma não tinham, portanto, o objetivo de facilitar o acesso à obra - elas eram incentivadas com finalidade pedagógica, como um exercício gramatical para aprendizagem e fixação da língua grega. Além disso, os romanos viam nas traduções do grego uma forma de enriquecer a sua própria produção artística, conferindo à atividade um segundo fim: a cultural. Os romanos, então, já tinham a percepção da diferença que existia entre a tradução palavra por palavra (usada nos exercícios pedagógicos) e na tradução que considerava o texto com um todo, a que traduzia a mensagem em vez das palavras (empregada nas traduções com fins culturais).

Nos séculos posteriores, a tradução foi vista, fundamentalmente, sob a ótica da religião. O apogeu da Reforma protestante coincidiu com as grandes navegações e a conquista do Novo Mundo. Trata-se de um período bastante fértil para o desenvolvimento de ideias sobre a tradução.



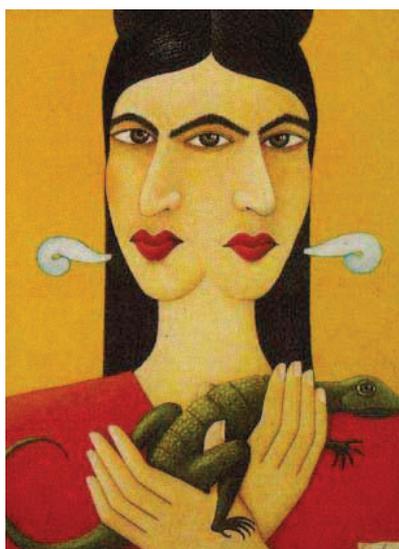
Fonte: luteranos.com.br

Nascido a 10 de novembro de 1483 na cidade de Eisleben, na Alemanha, **Martim Lutero** foi filho de uma família de mineiros pobres. Estudou filosofia e direito e no ano de 1505 entrou para a Ordem dos Agostinianos. Tornou-se monge e foi ordenado sacerdote em 1507. Defendeu tese de doutoramento em teologia no ano de 1512, e lecionou na cidade de Wittenberg, onde desencadeou um movimento que acabou por modificar profundamente o cenário eclesiástico ocidental: em 1517, publicou suas 95 teses, em que defendia reformas no interior da Igreja Católica. Suas ideias não foram bem recebidas e ele acabou excomungado no ano de 1521. Lutero foi o primeiro a traduzir a Bíblia. Ele tinha o objetivo de levar a o texto bíblico às camadas da população que não liam o latim. Isso, à época, foi considerado uma “heresia”.

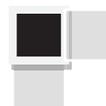
Traduzir é a maneira mais atenta de ler, é quando se pensa e repensa sobre as palavras, se busca interpretá-las e substituí-las. Traduzir é, pois, um ato hermenêutico. “Hermenêutica” vem do grego e é uma remissão a Hermes, que era considerado o mensageiro dos deuses. A palavra

“hermenêutica” tem como sentido original a busca da mensagem de Deus. E, naquela época, entendia-se que a palavra divina deveria ser aceita, mas não interpretada. Não era permitido aos católicos tentar explicar o que Deus quis dizer. Por isso Lutero foi condenado. As ideias dele acabaram por provocar a “Reforma”, como ficou conhecida a ruptura da Igreja Católica em várias Igrejas cristãs.

Mais ou menos no mesmo período da Reforma, ocorreram as grandes navegações. Os espanhóis descobriram a América, e necessitaram de intérpretes para comunicar-se com os índios. Assim, desenvolveram a prática de raptar jovens entre as tribos e forçá-los ao convívio com os europeus até que aprendessem o idioma. Naturalmente, a “confiança”, que é um elemento fundamental para a realização da comunicação, não se estabeleceu nem de um lado nem de outro. Os europeus “desconfiavam” dos intérpretes, porque, afinal, eles eram índios. Os índios, por sua vez, viam na figura do intérprete uma voz contaminada pelo contato com o europeu. A “neutralidade” é um elemento fundamental para a credibilidade da tradução. Na conquista do território que hoje é o México houve um episódio que ilustra bem essa questão. Uma asteca chamada Malinche (que era de origem nobre, mas foi dada como escrava) conviveu entre vários grupos que habitavam aquela região e aprendeu vários idiomas indígenas. Quando chegou o conquistador Hernán Cortez, ela serviu de intérprete para as mensagens que os espanhóis traziam de uma nova religião e de domínio. Ela tornou-se amante de Cortez e teve com ele um filho. Cortez foi o responsável pelo massacre dos indígenas na península de Yucatán. O nome “Malinche” entre os mexicanos é até hoje sinônimo de “traidora”. Essa importante personagem histórica é representada como uma mulher de duas caras e duas palavras.



Fonte: tihof.org



A sina de Malinche retrata o preconceito com que se viu, ao longo dos séculos, o trabalho do tradutor. Um importante filósofo chamado Ortega y Gasset popularizou o aforisma “traduttore traditore” (literalmente: tradutor traidor), pois via no ato de tradução sempre uma traição à mensagem original. No período de consolidação dos Estados Nacionais, embora as traduções tenham sido amplamente empregadas para dar base ao projeto de construções de identidades, tinha-se a visão de que a língua era o reflexo do caráter de um povo. E caráter é intraduzível.

Nesse período tiveram voz vários filósofos que defendiam a **intraduzibilidade** de forma absoluta. Eles até sabiam que as traduções aconteciam, mas acreditavam que o texto traduzido era como um reflexo na água ou apenas um eco da mensagem do original.



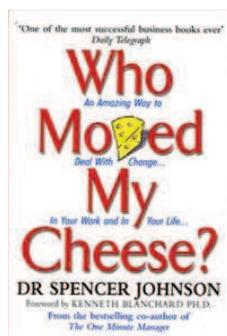
Qual é a sua opinião?

Os defensores da intraduzibilidade diziam que a língua é o reflexo do caráter de um povo e que caráter é intraduzível. Você acredita que as ideias e os sentimentos do surdo podem ser vertidos para a língua portuguesa oral? Ou apenas em Libras é possível expressá-los?

Nós concordamos que a língua é um reflexo da identidade de um povo. Mas isso não necessariamente deve ser confundido com o “caráter”. Os defensores da intraduzibilidade afirmam que o pão comido pelos alemães é diferente do pão que comem os franceses, e que, por isso, a palavra “pão” não poderia ser traduzida. Nós não pensamos assim. Existem vários tipos de pão: tipos diferentes, tamanhos diferentes, sabores diferentes, receitas diferentes... Mas todos são “pães”. Certamente haverá em Libras conceitos que não existem na língua portuguesa oral e vice-versa. Mas isso não significa que um não possa compreender a ideia do outro. Há tantas coisas que conhecemos, mas não sabemos o nome... Há tantas coisas que sentimos e não sabemos se existe uma palavra que sirva para dizer o que queremos... Ou seja: podemos compreender uma ideia, mesmo que não tenhamos uma palavra específica para ela. E, além disso, a língua está sempre evoluindo seja no contato com outras línguas, seja pelo caminho natural da sociedade.

Assim, é por meio da tradução que conhecemos coisas novas, criamos palavras novas e enriquecemos nossa cultura. Mas há vários tipos de tradução. Traduzir entre idiomas diferentes é uma das perspectivas de tradução e a mais conhecida. Mas não é a única! Vamos estudar os tipos de tradução?

Você fala inglês? Se não, provavelmente não terá lido este livro...



Fonte: dymocks.com.au

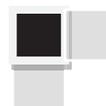
O título é “Who moved my cheese?” e foi escrito pelo norte-americano Spencer Johnson. Ele lhe soa familiar? Talvez... O livro conta a história de dois “homenzinhos” chamados Hem e Haw e dois ratinhos chamados Sniff e Scurry. Trata-se de uma metáfora em que o queijo representa os objetivos de cada um (sucesso, tranquilidade, um bom emprego...) e as mudanças a que estamos sujeitos enquanto tentamos alcançá-los. Sim... você conhece a história? Talvez porque tenha lido “Quem mexeu no meu queijo”: esse foi o título que ele recebeu em português! Você provavelmente já o terá visto, pois esse livro foi traduzido para mais de 20 línguas e vendeu mais de 24 milhões de cópias ao redor do globo. Um grande sucesso de vendas!

À tradução entre diferentes idiomas chamaremos, de agora em diante, de “tradução entre línguas”, “tradução interlingual” ou “tradução propriamente dita”.

Contudo, devemos notar que não é apenas entre idiomas diferentes que ocorre a tradução. Octavio Paz no texto “Tradução, literatura e literalidade” afirma:

aprender a falar é aprender a traduzir: quando uma criança pergunta a sua mãe o significado desta ou daquela palavra, o que realmente pede é que traduza para a sua linguagem a palavra desconhecida. A tradução dentro de uma língua não é, nesse sentido, essencialmente diferente da tradução entre duas línguas, e a história de todos os povos repete a experiência infantil (1990: 9).

**Octavio Paz Lozano** (1914-1998) foi poeta, ensaísta, tradutor e diplomata mexicano. Recebeu o Prêmio Nobel de Literatura em 1990. É considerado um dos maiores poetas do século XX e contribuiu com vários ensaios aos estudos de tradução.



Assim, e seguindo a linha de Octavio Paz, podemos observar em nossa cultura vários exemplos de traduções às que chamaremos “intralingual” ou “dentro da mesma língua”.

Você se lembra do livro “Quem mexeu no meu queijo?”. Ele também foi traduzido dentro da mesma língua, em versões para jovens e crianças.



Fonte: livrariasaraiva.com.br

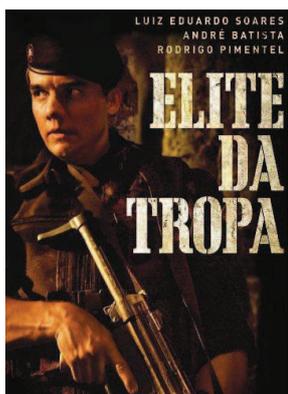
A tradução intralingual acontece, além do exemplo dado, quando um texto do passado, como *Os Lusíadas*, de Luís de Camões, é disponibilizado conforme as regras atuais da língua. Também quando uma obra concebida em português lusitano é transposta para público o brasileiro. Ou, ainda, quando um texto do presente, de vocabulário muito difícil, é simplificado para ser entendido por mais pessoas. Esse tipo de tradução pode ocorrer entre a linguagem técnica e a linguagem cotidiana. Vamos pensar numa lei ou a sentença de um juiz, em que há muitos termos jurídicos não compreendidos pela maioria da população. Se um jornal quiser explicar essa lei ou essa sentença aos seus leitores, procederá a uma operação de tradução intralingual. O mesmo ocorre quando o professor busca solucionar dúvidas dos alunos sobre textos teóricos. Dentro dessa perspectiva, toda aprendizagem passa necessariamente pela tradução. Mais que isso: não há atividade Linguística sem tradução! É possível dizer, portanto, que a operação tradutória intralingual ocorrerá sempre, em qualquer texto, independentemente da relevância cultural ou estética deste. “Compreensão” e “interpretação”: eis as palavras-chave na tradução intralingual! É possível notar que a tradução intralingual é tão corriqueira e intuitiva que às vezes nem nos damos conta que estamos traduzindo...

A tradução intralingual é aquela que ocorre dentro da mesma língua. Essa operação normalmente é conhecida como paráfrase ou reformulação e consiste na interpretação dos signos verbais por outros da mesma língua.

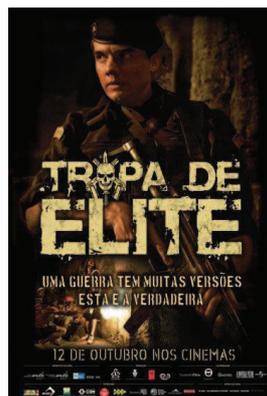
Além da tradução entre línguas e dentro da mesma língua, temos a tradução entre sistemas diferenciados de signos. É o caso das traduções que ocorrem entre as artes plásticas e visuais para a linguagem verbal. É o caso, retornando aos nossos conhecidos ratinhos, de “Quem mexeu no meu queijo? ... o filme”. Houve uma tradução intersemiótica entre a linguagem verbal escrita para o sistema semiótico visual.



Outros exemplos de traduções de livros para as telas:



Fonte: [livrariasaraiva.com.br](http://livrariasaraiva.com.br)

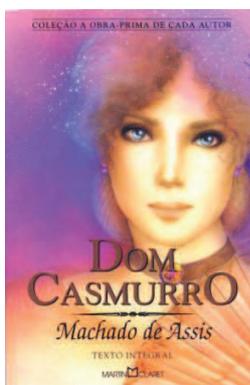


Fonte: [adorocinemabrasileiro.com.br](http://adorocinemabrasileiro.com.br)

LIVRO



FILME



Fonte: [martinclaret.com.br](http://martinclaret.com.br)

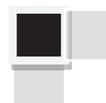


Fonte: [oglobo.globo.com.br](http://oglobo.globo.com.br)

LIVRO



MINISSÉRIE DE TELEVISÃO



A forma mais corriqueira de tradução intersemiótica é a passagem que se dá entre um sistema verbal e outro não-verbal: uma poesia que se transforma em pintura; uma história em quadrinhos que vira filme; uma peça de teatro que vira balé. Contudo, pode ocorrer a tradução intersemiótica entre dois campos de signos não-verbais, como, por exemplo, entre música e dança.

A tradução intersemiótica é definida como a tradução de um determinado sistema de signos para outro.

Da mesma forma, pode acontecer a tradução entre duas línguas sinalizadas, como, por exemplo, a língua de sinais americana (ASL – American Sign Language) e Libras (Língua Brasileira de Sinais).

Mas... e a tradução do português escrito (como empregamos aqui nesta apostila) para Libras (como o faz o intérprete no vídeo)... em que categoria se encaixa?

Para responder essa pergunta, recorreremos ao trabalho de Rimar Ramalho Segala, intitulado “Tradução intermodal e intersemiótica/interlingual: português brasileiro escrito para Língua Brasileira de Sinais”. Rimar é surdo e traduz de Libras para o português escrito brasileiro e vice-versa. O trabalho a que nos estamos referindo é a dissertação de mestrado dele, defendida em março de 2010, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), e que foi por nós acessada, em 1º de dezembro de 2010, no site:

[http://www.ronice.cce.prof.ufsc.br/index\\_arquivos/Documentos/Rimar%20Ramalho%20Segala.pdf](http://www.ronice.cce.prof.ufsc.br/index_arquivos/Documentos/Rimar%20Ramalho%20Segala.pdf).

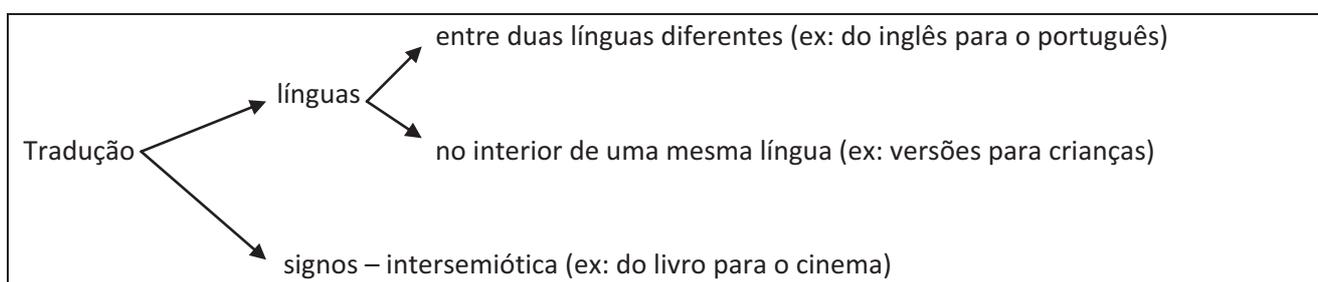
Rimar explica nossa dúvida:

A tradução realizada no espaço do Letras Libras é uma tradução que parte de um texto escrito em Português acadêmico para uma Língua de Sinais que exige uma *tradução visual*, ou seja, a tradução é gravada pelo tradutor/ator/coautor que também desempenha o papel de ator dessa tradução. Ele usa não só sua capacidade de traduzir e de compreender o texto, mas também expõe sua imagem para registrar em vídeo o produto final.

Por isso a tradução que se faz nesse espaço é intersemiótica, além de ser interlinguística, [...] porque estão implicados vários processos e vários recursos até se concretizar a tradução definitiva. (2010: 8 – 9)

Rimar, quando analisa o material didático empregado no curso de Letras Libras da UFSC, nos explica que a passagem entre as duas línguas envolvidas no exemplo é, ao mesmo tempo, entre línguas (interlingual), pois envolve duas línguas com gramáticas próprias e noção de equivalência entre os termos traduzidos, e intersemiótica, pois envolve a passagem do sistema verbal escrito para o suporte em vídeo.

Contudo, como já vimos, a tradução intralingual ocorrerá sempre, em qualquer texto, quando nos propusermos a explicar, reinterpretar ou parodiar algo dentro do mesmo idioma. Assim, é possível afirmar que, quando se traduz do português para Libras faz-se uso dos três tipos de tradução estudados: interlingual, intralingual e intersemiótica.

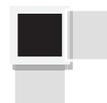


De qualquer forma, existe algo em comum entre todas as modalidades de tradução estudadas, pois sempre se vai levar em consideração a existência de uma mensagem original, que, para ser compreendida pelo receptor, precisa ser traduzida conforme critérios de equivalência.

Portanto, é fundamental observar que a tradução não irá trabalhar com a ideia de ser “idêntico”, de ser “a mesma coisa”, mas sim com o conceito de **equivalência**. Explicamos:

O livro “Quem mexeu no meu queijo” não é idêntico a “Quem mexeu no meu queijo para jovens”, nem, muito menos, a “Quem mexeu no meu queijo para crianças”. Contudo, a história dos ratinhos Sniff e Scurry e dos “homenzinhos” Hem e Haw se mantém em todas as versões do livro. Digamos que a mensagem do livro é a mesma, mas ela é contada de forma diferente para crianças, jovens e adultos, pois a intenção é fazer com que cada grupo de receptores possa compreendê-la da melhor forma possível. Podemos afirmar, então, que, embora o texto não seja o mesmo, ele é equivalente.

A minissérie Capitu, veiculada pela rede Globo, não é idêntica à obra Dom Casmurro, escrita por Machado de Assis. A linguagem empregada pela televisão é uma linguagem atual,



muito diferente do português brasileiro falado naquele período de transição entre o século XIX e o XX, quando Machado de Assis escreveu sua obra. Além do mais, o romance machadiano é narrado em 1ª pessoa, todo sob a ótica do personagem Bentinho, marido de Capitu. E sabemos que há certas coisas que se pode dizer em palavras, mas não em imagens, e vice-versa. Por isso a versão da televisão nunca será idêntica ao livro. No entanto, a trama da minissérie segue a mensagem (o enredo, os personagens, a sucessão de fatos, as críticas) da obra de Machado de Assis. Portanto, as mensagens não são iguais, mas são equivalentes.

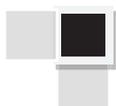
Quando se faz a tradução interlíngua isso ocorre também. Vejamos um exemplo entre duas línguas bem próximas: o português e o espanhol. Na língua espanhola, existe um conhecido provérbio que diz “de tal palo, tal astilla”. Quando vamos ao dicionário, descobrimos que “astilla” é um fragmento irregular que salta ou cai de uma peça de madeira que se rompe. Ou seja, “astilla” significa, para nós, “farpa”, de modo que a frase fica: “de tal pau, tal farpa”. Isso faz sentido para você? Não? E se dissermos: “tal pai, tal filho”? Ou, ainda, “filho de peixe, peixinho é”? Agora faz sentido? Se faz, então atingimos o nosso objetivo de fazer com que a mensagem do texto em língua de partida ser compreendida pelo receptor em língua de chegada. Só que, para isso, tivemos de criar uma mensagem que não era idêntica, mas equivalente.

Não ficou claro? Tudo bem. Vamos desenvolver essa ideia na unidade 3.

### Para não esquecer!

Conceitos estudados na unidade 2:

- \* Traduzibilidade / Intraduzibilidade
- \* Tradução interlingual, entre línguas ou tradução propriamente dita
- \* Tradução intralingual, dentro da mesma língua ou reformulação
- \* Tradução intersemiótica ou entre signos diferentes
- \* Equivalência



# UNIDADE 3

## Tradução, língua e cultura

Vamos retomar o provérbio em espanhol já estudado na unidade 2:

“De tal palo, tal astilla”



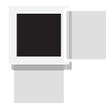
Fonte: misionmundial.com.ar

Esse provérbio, da forma como se encontra, não é compreendido pelos leitores brasileiros que não dominam a língua espanhola. No entanto, ele pode ser facilmente compreendido após uma operação tradutória. Para realizar essa operação, usaremos as seguintes denominações:

- Língua espanhola: “**língua de partida**”, ou “**língua-fonte**”. É a língua **a partir da qual** se quer traduzir.
- Língua portuguesa: “**língua de chegada**” ou “**língua-alvo**”. É a língua **para a qual** se quer traduzir.

Para proceder à operação tradutória, vai ser preciso:

- Conhecer a língua de partida e a cultura do povo envolvido, para compreender o que essa mensagem a ser traduzida significa para eles.
- Conhecer a língua de chegada e a cultura do povo envolvido, para compreender o que a mensagem traduzida deverá significar para ele.



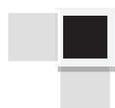
- Proceder a operações mentais de busca por equivalência, de modo a fazer com que a mensagem na língua de chegada produza os mesmos efeitos que na língua de partida.

Com relação a este último ponto, devemos ter em mente o seguinte: o provérbio “de tal palo, tal astilla” integra a sabedoria popular dos falantes da língua de partida. Esse ditado é conhecido e referido por pessoas das mais diversas classes sociais. Quando um falante de espanhol (não importa se gerente ou servente da fábrica) o escuta, ele não precisa de explicações complementares para compreender o alcance da mensagem. O desafio da equivalência consiste em reproduzir esse efeito na língua de chegada (neste caso, o português).

Um dos erros mais comuns é pensar que o correto seria proceder à tradução palavra por palavra. Os defensores dessa ideia argumentam que o texto traduzido (ou seja: o texto em língua de chegada) deve ser “fiel” ao texto original (ou seja: o texto em língua de partida). Essa teoria, porém, não é mais aceita, pois hoje se entende que a **“fidelidade” da tradução está mais associada à reprodução dos mesmos efeitos do que à escolha das mesmas palavras.**

Como já vimos, se decidirmos proceder à tradução palavra por palavra, de “de tal palo, tal astilla” chegaríamos ao texto em português “de tal pau, tal farpa”. Essa mensagem, embora corresponda à tradução correta de cada uma das palavras presentes no enunciado da língua de partida, não reproduz os mesmos efeitos na língua de chegada. No português, a expressão “de tal pau, tal farpa” não será compreendida por todos, e poderá, inclusive, gerar confusão caso não seja explicada. Ou seja: ela não mantém, na língua de chegada, a **equivalência** daquilo que a mensagem representa na língua de partida.

Isso ocorre porque, para traduzir, além de conhecer o idioma, devemos conhecer a cultura dos povos envolvidos. É uma ilusão acreditar que apenas com dicionários poderemos traduzir tudo! Muitas pessoas pensam que com o tradutor do Google e outros softwares elas irão traduzir qualquer texto para qualquer idioma. As máquinas não entendem a cultura, portanto elas podem até ajudar, mas nunca substituirão o homem nessa árdua tarefa que é traduzir. Especialmente os textos literários, as piadas, os provérbios, as expressões idiomáticas e tudo aquilo que envolva diretamente a cultura dos povos precisará do cérebro humano (de um tradutor bem formado) para ser corretamente traduzido. Sem falar nas palavras polissêmicas!



As palavras polissêmicas são aquelas que têm mais de um sentido. O intérprete deve, então, fazer uma análise do contexto do enunciado para compreender em qual dos sentidos possíveis a palavra está sendo empregada. Libras também têm palavras polissêmicas. Andrea da Silva Rosa dá o exemplo de “sábado” e “laranja”, que são representadas com o mesmo sinal.



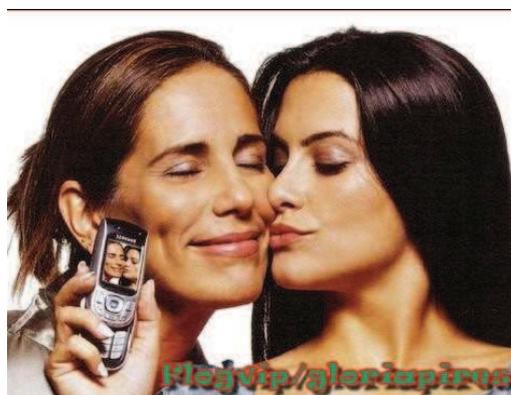
Fonte: <http://www.editora-arara-azul.com.br/pdf/livro5.pdf>

Só o contexto dirá qual dos dois sentidos a palavra irá assumir.

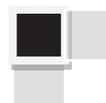
Retornando a nosso provérbio, quem conhece a cultura dos povos que falam espanhol sabe que a expressão “de tal palo, tal astilla” é usada para designar um filho que é muito parecido ao pai ou à mãe, ou que eles têm os mesmos gostos, o mesmo talento ou até as mesmas manias! Seria, portanto, o equivalente em português à expressão “tal pai, tal filho” ou, ainda, “filho de peixe, peixinho é”.

Agora chegamos a uma boa tradução da mensagem inicial, concordam?

Filho de peixe, peixinho é



Fonte: flogvip.net





**Pesquisa:** existe equivalente para “filho de peixe, peixinho é” em Libras?

O que acabamos de ver vai acontecer em diversos idiomas e diversas culturas. Porque a língua não é estanque, ela evolui junto com a sociedade, inovando e renovando expressões, criando gírias, fazendo trocadilhos, etc. Pense nas expressões idiomáticas! Independente da língua com a qual você estiver trabalhando, você certamente não traduziria “ao pé da letra” (palavra por palavra, no sentido do dicionário) as expressões que estão no quadro.

Ficar de olho – quebrar o galho – acertar na mosca – ao pé da letra – tirar de letra – estar armado até os dentes – bater as botas – cara de pau – pôr minhoca na cabeça

Por exemplo: você, certamente, deve conhecer a expressão “chover canivetes”, que usamos no Brasil quando está chovendo forte demais. O equivalente a ela, em francês, é “il pleuve des cordes” (chover cordas) e, em inglês, “it’s raining cats and dogs” (chover gatos e cachorros).

Portanto, o bom tradutor do inglês para o português é aquele que compreende que a melhor tradução para “it’s raining cats and dogs” não é “está chovendo gatos e cachorros”, mas, isto sim, “está chovendo canivetes”, pois essa é a expressão que melhor reproduz, na língua de chegada, os efeitos da mensagem em língua de partida.

França



Fonte: aedena.over-blog.com

Inglaterra



Fonte: chocoladdict.fr

Brasil



Fonte: verba-mollia-et-efficacia.blogspot.com



**Pesquisa:** existe equivalente para “chover canivete” em Libras?

Uma tradução fiel é, portanto, aquela que mais se aproxima da mensagem do texto original. Só que, às vezes, para ficar “próximo” do texto que quer traduzir, o tradutor precisa afastar-se dele. Mas deve fazê-lo apenas e unicamente na medida exata para reproduzir na língua de chegada a mesma mensagem da língua de partida.

Vamos a um exemplo trazido por Rimar Ramalho Segala (2010, p. 56) para entendermos que, às vezes, para conseguir uma mensagem equivalente, o tradutor precisa afastar-se do texto que está traduzindo.

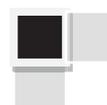
Vejamos a oração do Pai Nosso para os católicos:

Pai Nosso, que estais no céu, / santificado seja o Vosso nome, / venha a nós o Vosso reino, / seja feita a Vossa vontade / assim na terra como no céu. / O pão nosso de cada dia nos dai hoje, / perdoai as nossas ofensas / assim como nós perdoamos a quem nos tenha ofendido / e não nos deixeis cair em tentação, / mas livrai-nos do mal.

Você já a rezou em Libras? Veja como fica a transcrição para o português brasileiro escrito da oração do Pai Nosso em Libras:

PAI (DEUS LÁ), TER-EXISTE LÁ CÉU, ELE FILHO NÓS, NÓS PAI ELE (SEU-SINAL), SEU NOME É SANTIFICADO-SANTO, (SUPERIOR-PUREZA). ELE REI-REINO, (VEM AQUI), ELE (SUA VONTADE) PRÓPRIA, (CÉU-ANJOS), (TERRA PESSOAS), IGUALDADE. QUANDO NÓS PRECISAMOS-(INTERIOR), BUSCO, BUSCO, BUSCO DEUS NOS DÁ, DÁ, DÁ TODOS OS DIAS. COISAS (ELAS-PESSOAS) ERRADAS, OFENDEM, EU PERDÔO PESSOAS, EU ERRADO, OFENSAS, DEUS ME PERDOA. CAMINHO-RETO, TENTAÇÃO ME TENTA, (EU CAIR-DESVIO-CAMINHO-RETO) DEUS ME PEGA, COLOCA CAMINHO-RETO QUALQUER-COISA-HÁ M-A-L, DEUS, MÃO-O-OBRA, TIRA-FORA.

Observe que, para conseguir transmitir em Libras a mensagem da oração em português brasileiro, foi preciso afastar-se do texto exato desta. Caso o tradutor optasse por traduzir palavra por palavra a oração do Pai Nosso, será que ele conseguiria se fazer entendido pela comunidade surda (receptora da mensagem)? Certamente que não. Foi preciso mudar palavras, reestruturar frases inteiras, alterar a ordem dos enunciados e, somente assim, foi possível transmitir a mensagem. As duas orações não são idênticas, mas são equivalentes. E a tradução obedece aos conselhos dados por Rimar Ramalho Segala em seu trabalho:



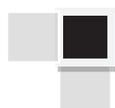
A língua de chegada (Libras) deve ser clara e moderna, e utilizar os sinais mais comuns aos surdos usuários de Libras, não seguindo a estrutura da Língua Portuguesa, nunca traduzindo literalmente palavras por sinais, obedecendo a ordem dos parágrafos sem a necessidade de se preocupar com virgulação, e sendo fiel ao sentido dos textos escritos, a mensagem, para Libras, principalmente para que os usuários de Libras entendam (2010, p. 32).

A tradução palavra por palavra (ou, neste caso, tradução literal de palavra por sinal) é um erro comum e bastante grave, que pode inviabilizar a compreensão da mensagem. Andrea da Silva Rosa dá um exemplo (2005, p. 64-65): falava-se sobre a educação dos surdos no Brasil, e a palestrante explicava que o problema maior não estava na surdez e, sim, em ser pobre, pois surdos que tiveram acesso a melhores recursos apresentavam desempenho escolar semelhante ao ouvinte. O intérprete, julgando estar sendo “fiel” à palestrante, traduziu a frase: *A pobreza é muito séria (em Português)*, da seguinte forma: *pobre sério (em língua de sinais)*. A tradução poderia ter sido: *Pobre problema difícil*.



Andrea da Silva Rosa pondera sobre a tarefa do tradutor:

O tradutor não deve traduzir palavra a palavra; nem pode utilizar o texto de partida como um tema sobre o qual improvisa livremente. O ato tradutório só acontece a partir de uma mensagem que compreendida pelo leitor/tradutor a transforma em nova mensagem compreensível ao leitor da língua de chegada (2005, p. 67).



O tradutor deve recordar que as palavras por si só não transmitem significados que não tenham raízes na experiência do sujeito, e que, às vezes, elas assumem sentidos diferenciados numa cultura e na outra. Às vezes, é necessário destruir a palavra para manter o sentido. E, para conhecer o sentido, é fundamental conhecer a cultura.

Portanto, quem não conhece profundamente a cultura surda brasileira não pode ser considerado bom tradutor de ou para Libras. Pois língua não pode ser dissociada de cultura, e quem não conhece a cultura jamais entenderá por completo a língua.



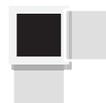
Fonte: vendovozes.com.br

### Dica de leitura

STROEBEL, Karin Lilian. “As imagens do outro sobre a cultura surda”. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

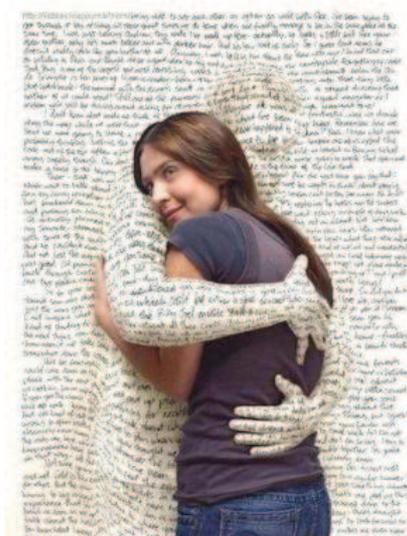
Assim, e porque, como já afirmamos, a boa tradução, no caso da oração em Libras, é aquela que “traz” a mensagem da língua de partida (no nosso caso, o português) para a língua de chegada (Libras), que acomoda o texto de chegada conforme a cultura da comunidade receptora, podemos dizer que a boa tradução para Libras é aquela essencialmente “**domesticadora**” (usando as palavras de um teórico chamado Lawrence Venutti).

**Lawrence Venuti** (1953) é um teórico norte-americano dos estudos de tradução. Ele segue a linha marxista e pesquisa, entre outros temas, a dimensão política das escolhas lexicais na tradução e as razões que levam uma obra a ser traduzida para um idioma e contexto histórico específico.



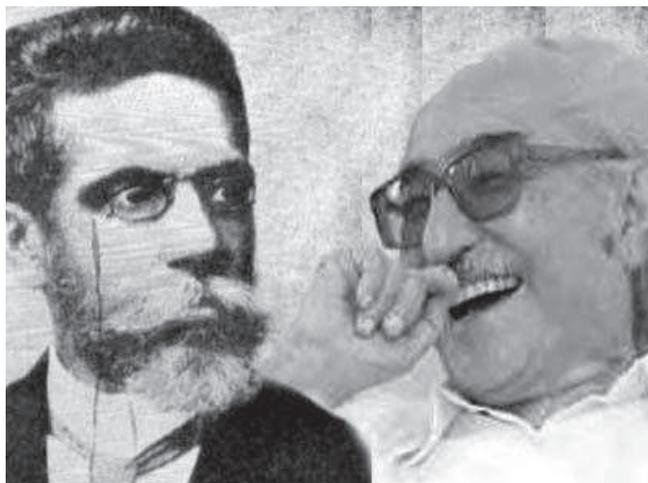
A tradução domesticadora é aquela que (nas palavras de outro teórico, chamado Friedrich Schleiermacher) “deixa o leitor quieto e traz o autor até ele”. Nesse caso, o texto a ser traduzido vai ao encontro do leitor e o abraça na sua própria língua e cultura.

**Friedrich Daniel Ernst Schleiermacher** (1768 – 1834) foi pregador em Berlim e deu aulas de filosofia e teologia. Preocupava-se imensamente com a tradução da Bíblia e outros textos religiosos.



Fonte: [desertosedesertificacao.blogspot.com](http://desertosedesertificacao.blogspot.com)

No caminho inverso, está a tradução estrangeirizadora, aquela que (ainda nas palavras de Schleiermacher) “deixa o autor quieto e traz o leitor até ele”. Esse tipo de tradução coloca o leitor na obrigação de “entrar” no mundo, na língua e na cultura do escritor para poder compreendê-lo.



Fonte: [ensaiogeral.com.br](http://ensaiogeral.com.br)

A maior parte dos teóricos afirma que é a tradução estrangeirizadora a mais adequada. Para eles, o contato com uma cultura diferente, que emprega palavras diferentes e tem estilos novos de escrita é uma excelente forma de enriquecer o idioma e a cultura do povo da língua de chegada. Mas isso, em nossa opinião, apenas deve ser levado em conta na cultura oralizada. Quando estamos referindo a tradução para Libras e a comunidade surda, que tanto sofreu com a perspectiva do “oralismo” (que rejeitava a comunicação em Libras, defendendo a ideia de que eram os surdos que deveriam se adaptar às regras da língua portuguesa), parece-nos que a tendência domesticadora (qual seja, a preocupação em levar a mensagem até o surdo, em vez de obrigá-lo a lutar para compreendê-la em português) é uma grande conquista.

Exemplos de histórias infantis domesticadas para crianças surdas: Rapunzel surda e Cinderela surda.

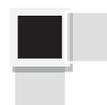


Fonte: ulbra.edu.br

### Para não esquecer!

Conceitos estudados na unidade 3:

- \* Texto original
- \* Língua de partida ou língua-fonte
- \* Língua de chegada ou língua-alvo
- \* Fidelidade
- \* Tradução palavra por palavra
- \* Tradução da mensagem
- \* Tradução domesticadora
- \* Tradução estrangeirizadora



# UNIDADE 4

## TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO

Estamos estudando “introdução aos estudos de tradução” e você deve estar se perguntando: qual é a diferença entre um tradutor de libras e um intérprete? Qual é o papel do intérprete? Existe tradução escrita de língua de sinais? Essas são as questões que passaremos a trabalhar nesta quarta unidade.

Leia a seguinte notícia, publicada na Revista IstoÉ

Brasil | N° Edição: 2067 | 24.Jun.09 - 10:00 | Atualizado em 14.Dez.10 - 06:01

### O intérprete de lula

Mundo afora, Sérgio Xavier fala e ouve pelo presidente, guarda segredos de Estado e ganha status no poder

Claudio Dantas Sequeira



**DIPLOMATA INFORMAL** Xavier segue Lula: tradução nem sempre fiel já evitou muitas gafes presidenciais

Entre um chope no Bracarense, no Leblon, e o vôlei de praia em Ipanema, o carioca Sérgio Xavier sempre rezou pela cartilha da esquerda. Com parentes perseguidos pela ditadura militar, dedicou-se ao movimento sindical, à construção do PT no Rio de Janeiro e abraçou causas sociais, como a campanha contra a fome liderada por Hebert de Souza, o Betinho. Aos 42 anos, formado em comunicação social, resolveu arriscar uma virada na vida. A oportunidade surgiu num jantar oferecido pelo então presidente do PT, Luiz Inácio Lula da Silva, a mais de 100 ONGs internacionais, durante a ECO-92, a conferência sobre meio ambiente. Ofereceu-se para traduzir o discurso do então sempre candidato da legenda ao Palácio do Planalto. Lula gostou do resultado e, dois anos depois, levou o intérprete para um encontro com o líder africano Nelson Mandela. Hoje, Xavier é o intérprete oficial da Presidência da República. A rotina carioca do chopevôlei deu lugar a uma agenda repleta de compromissos oficiais e coquetéis com chefes de Estado.

A bordo do Aerolula, Xavier conheceu mais países do que poderia sonhar e passou a conviver com líderes mundiais. Em maio, durante a reunião do G-20 em Londres, seu rosto ganhou as manchetes quando o presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, chamou Lula de "o cara". Coube a ele traduzir a gíria americana. Na semana passada, acompanhou o giro presidencial pela Suíça, Rússia e Casaquistão. Na reunião dos BRICs, além dos encontros pessoais, teve o desafio de fazer traduções simultâneas de cabine, do inglês para o português. Com a relevância da função, vem o assédio. Ao servir de boca e ouvidos do presidente Lula mundo afora, inclusive nas conversas particulares com autoridades estrangeiras, Xavier se tornou o interlocutor mais cobiçado de Brasília por assessores, ministros e jornalistas. Todos tentam arrancar do tradutor algum segredo de Estado. Mas, sempre discreto e fiel aos princípios da profissão, ele apenas sorri e desconversa. Quando pressionado, cala-se. (...)

"Minha maior alegria é ser o que alguns colegas chamam de 'a voz do Brasil' ou 'dublê', como me qualificou o presidente ao me apresentar num evento nos EUA", disse Xavier à ATA (American Translator Association). (...)

Um dos maiores desafios é ser fiel às expressões e piadas usadas por Lula. No primeiro encontro que teve com Barack Obama, na Casa Branca, em março, o presidente disse que o americano tinha um "pepino" nas mãos, ao assumir os EUA em plena recessão. **Xavier não encontrou no inglês algo similar à expressão brasileira. Disse apenas que Lula "não queria estar na sua posição".**

Na visita a Windhoek, na Namíbia, em 2003, o presidente declarou que quem chegava à cidade nem parecia que estava na África porque "poucas cidades do mundo eram tão limpas, tão bonitas". O intérprete omitiu a palavra "limpa", que poderia ser entendida como uma ofensa ao continente.

Embora a imprensa brasileira tenha destacado a gafe de Lula, naquele momento, diante das autoridades do país, Xavier mostrou que seu papel, hoje, é muito mais importante do que aparenta. É, às vezes, diplomático.

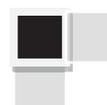
Fonte: [http://www.istoe.com.br/reportagens/19641\\_O+INTERPRETE+DE+LULA](http://www.istoe.com.br/reportagens/19641_O+INTERPRETE+DE+LULA)



Qual é a sua opinião?

O intérprete, como é o caso de Sérgio Xavier, pode comentar com a imprensa ou outras pessoas as informações a que ele teve acesso enquanto desempenhava seu trabalho?

Nossa opinião (definitivamente!) é que não. A confiança e a neutralidade são requisitos fundamentais para a atividade de interpretação. O intérprete que comete indiscrições e fala sobre aquilo que ele ouviu enquanto estava



realizando o seu trabalho comete uma falha ética muito grave, que, em alguns casos, pode configurar crime. Mesmo nos casos menos importantes, o intérprete indiscreto fica mal visto pelas pessoas que o circundam (seja o cliente, seja o colega de profissão). Quem é que gosta de uma pessoa fofoqueira? Ninguém... Tanto pior se a fofoca tiver origem no trabalho. Toda informação que chegar ao intérprete deve ser resguardada pelo sigilo profissional. Você gostaria que seu médico saísse comentando com todo mundo sobre a sua doença? Você gostaria que seu advogado espalhasse pela cidade detalhes sobre suas dívidas ou sobre seu divórcio? Como você se sentiria se consultasse um psicólogo e ele contasse para todo mundo os seus problemas? Com o intérprete é a mesma coisa...

Considerando-se que o nome de nossa disciplina é “Introdução aos Estudos de Tradução”, é necessário perguntar: “o que são estudos de tradução?”. Neste momento, em que já temos uma boa caminhada pelos conteúdos relativos à tradução, podemos responder com Mona Baker: “Entende-se que o termo ‘Estudos da Tradução’ agora se refere à disciplina acadêmica que envolve o estudo da tradução *lato sensu*, abrangendo tradução literária e não-literária e várias formas de interpretação oral, além de dublagem e legendagem” (BAKER, 1998b, p. 277).

**Mona Baker** é uma teórica egípcia que leciona Estudos de Tradução na Universidade de Manchester, Inglaterra. Ela desenvolve pesquisas nas áreas de tradução e estudos interculturais.

Mona Baker fala “agora” porque nem sempre foi assim. Antes, existia a tendência de se fazer a separação entre tradução literária e não-literária ou entre tradução e interpretação.

Para Schleiermacher, a verdadeira tradução era a literária, a de obras de arte, de clássicos da literatura. À tradução do mundo dos negócios e aquela a que hoje chamamos “técnica”, ele conferia a denominação de “interpretação”, e a via como uma atividade meramente mecânica, para a qual não eram necessários maiores embasamentos filosóficos. O valor que Schleiermacher conferiu à palavra “interpretação” (como sendo a tradução técnica) não perdurou. **Mais tarde, à palavra “interpretação” foi concedido o sentido de tradução oral de discurso oral.** Ainda hoje se emprega a palavra “interpretação” para se referir à tradução simultânea ou consecutiva que ocorre, por exemplo, nas conferências e julgamentos.

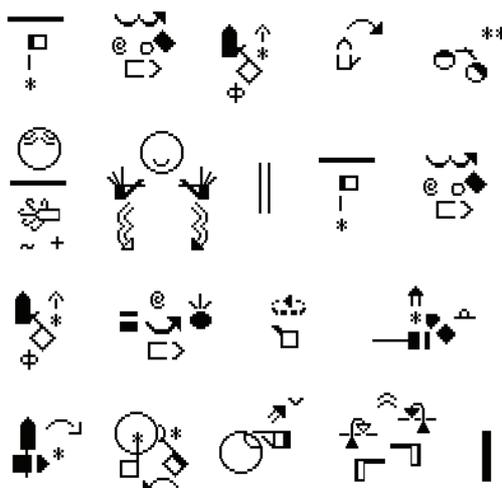


Cartaz do filme “A intérprete”, com Nicole Kidman.

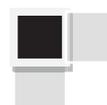
Fonte: filmeja.com

Tomando-se essa perspectiva como referência, é possível notar que, no caso de Libras, pode existir tanto a tradução quanto a interpretação. A diferença da tradução de Libras com relação às línguas não-sinalizadas está na forma do registro usado pelos tradutores. Duas são as técnicas mais conhecidas:

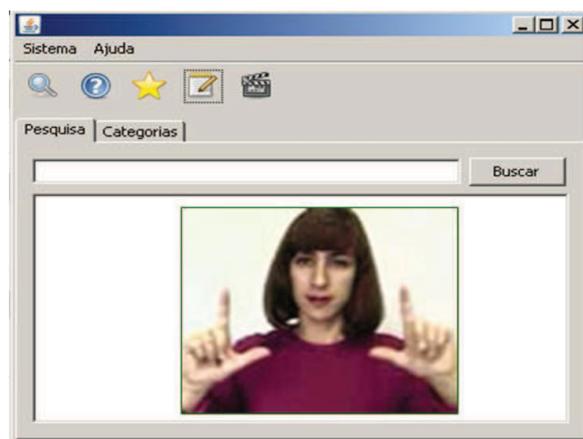
1) o SignWriting, que é um sistema de escrita desenvolvido para registrar a Língua de Sinais, fazendo uso de símbolos visuais para representar as configurações de mão, os movimentos e expressões faciais e os movimentos do corpo. É muito usado para textos bilíngues e para evidenciar as diferenças de sinais existentes, por exemplo, entre a língua de sinais brasileira (Libras) e outra língua de sinais, como a americana (ASL – american sign language).



Fonte: culturaturda.com.br



2) gravação em vídeo ou registro por meio de fotografias de alguém que usa a língua de sinais.



Fonte: faetec.rj.gov.br

Com o avanço da tecnologia, está cada vez mais comum fazer gravações em vídeo como suporte da tradução em libras. De qualquer forma, o registro em SignWriting é ainda muito usado.

Portanto, deve-se desfazer o mito de que, quando se fala em Línguas de Sinais, não é possível usar o termo “tradução”. O termo “tradução” não é exclusividade da palavra escrita. E, ainda que assim o fosse, existem formas de registro escrito de Libras como é o SignWriting. Às gravações em vídeo de alguém se comunicando em Libras também chamaremos “tradução”.

No Brasil, é comum se referir à interpretação como “tradução simultânea”. Mas tradução simultânea (ou interpretação simultânea) é apenas uma das estratégias de tradução, à qual se contrapõe a tradução consecutiva (ou interpretação consecutiva).

- Na interpretação consecutiva, o intérprete primeiro escuta o orador (ou o visualiza, no caso de interpretação entre duas línguas de sinais, como, por exemplo, Libras e ASL) e, depois, valendo-se de uma pausa na comunicação daquele que está sendo traduzido, transmite ao público a mensagem na língua de chegada. Esse tipo de interpretação não costuma usar equipamentos e é mais indicado para discursos curtos. Na prática, é usado quando não existem os equipamentos necessários ou profissionais capacitados para a interpretação simultânea.
- Na interpretação simultânea, a mensagem na língua de chegada é elaborada sem pausas, ao mesmo tempo em que ocorre a comunicação a ser traduzida. As duas estratégias

requerem boa memória e rapidez de intuição dos intérpretes, mas a simultânea é especialmente difícil. Ela tem a vantagem de não aumentar o tempo das comunicações, mas exige recursos técnicos tais como uma cabine para os intérpretes e fones de ouvido para a platéia. Ela pode ser realizada em duplas: um dos intérpretes anota palavras-chave para facilitar o trabalho daquele que está falando ao microfone, e eles se revezam de tempos em tempos. Em eventos com mais de duas horas, a presença de dois intérpretes é recomendada, pois a capacidade de concentração cai sensivelmente em função do desgaste da atividade.



Interpretação Simultânea em cabine.  
Fonte: cesarbargoperez.blogspot.com

- Existe, ademais, a tradução (ou interpretação) sussurrada, modalidade em que o intérprete fica próximo ao(s) ouvinte(s) e traduz o discurso original em voz baixa. É semelhante à interpretação simultânea, mas não faz uso de equipamentos. É uma estratégia viável apenas quando o número de pessoas para quem se vai traduzir for reduzido. Pode ser usada em reuniões de negócios, mediação internacional e até audiências.

Fatores físicos, tais como as condições de trabalho, a temperatura, os ruídos, o espaço físico na cabine, a natureza da fala do orador (sua linguagem corporal, o tom de voz, a velocidade da fala, o sotaque e o assunto), além de uma série de outros elementos repercutem diretamente no trabalho do intérprete.

Em Libras, o mais comum é privilegiar a interpretação simultânea, mas sem uso de equipamentos. Em conferências, audiências, reuniões ou mesmo aulas o intérprete posiciona-se em lugar visível (geralmente à frente ou junto ao orador) e vai traduzindo, concomitantemente, para a língua de chegada a mensagem proferida em língua de partida.

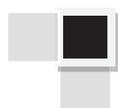




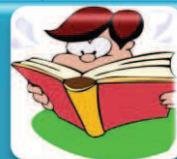
Fonte: [guiajovemprofissional.blogspot.com](http://guiajovemprofissional.blogspot.com)

No Brasil, além da confusão estabelecida entre os termos “tradutor” e “intérprete” e a usual referência à “interpretação” como “tradução simultânea”, é de se notar que não se faz diferenciação entre tradutor e intérprete para a finalidade de serviços juramentados. Aquele que é aprovado na prova escrita de tradutor juramentado pode, também, exercer a função de intérprete juramentado. Ou seja: na cultura brasileira, tende-se, cada vez menos, a distinguir a tradução da palavra escrita da tradução da palavra oral ou de sinais. Isso se explica, em parte, pela tecnologia e pela velocidade da comunicação em tempos de globalização.

Se antes se fazia a diferença entre tradução (palavra escrita) e interpretação (palavra oral), agora, com tantos e novos recursos tecnológicos, essa diferença perdeu a razão de ser. Hoje, existem softwares que transcrevem o que é dito pela voz humana (como o ViaVoice e o Easy Transcriber). Do ângulo oposto, há softwares que reproduzem a voz humana a partir daquilo que foi escrito (programado), como faz o GPS. Além disso, os softwares de tradução, entre os quais o tradutor do Google, conferem à tradução da palavra escrita uma velocidade ainda maior do que a da fala. A velocidade das comunicações (especialmente no mundo das notícias) e os prazos de entregas “urgentes” forçam os tradutores a produzir seus textos com uma rapidez que se aproxima da interpretação simultânea. E, tal como esta, algumas traduções também são efêmeras: certas notícias ficam publicadas por pouquíssimos dias. Além do mais, a comunicação em vídeo, que é feita por meio da oralidade ou da comunicação em sinais, tende a ser enquadrada no conceito de tradução, mesmo que não faça uso da palavra escrita. A justificativa é que, na gravação do vídeo, o processo pode ser feito, estudado e corrigido e pode ser divulgado e arquivado, tal qual a palavra escrita. Com base nisso tudo, vemos que a tendência a separar “interpretação” e “tradução” em rótulos diferenciados caiu por terra.



Inclusive, retomando o conceito de “estudos da tradução” apresentado no início desta unidade, Mona Baker já incluiu a dublagem e as diversas formas de tradução oral na ideia de tradução lato sensu (quer dizer: tradução em sentido amplo).

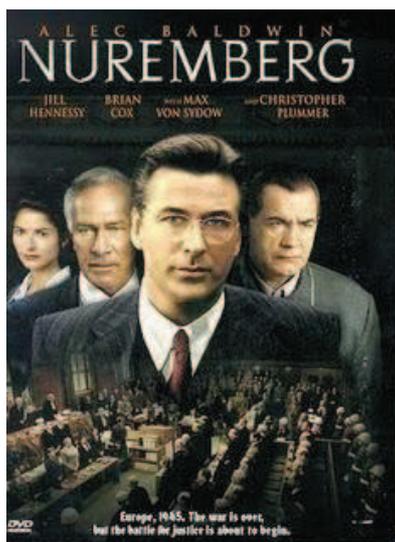


### Curiosidade...

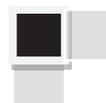
O início da era da interpretação simultânea veio com os julgamentos de Nuremberg e de Tóquio, depois da II Guerra Mundial. O julgamento de Nuremberg ocorreu na cidade alemã de mesmo nome e compôs um Tribunal Militar Internacional contra os 24 principais dirigentes do nazismo que ainda estavam vivos. Eles eram acusados dos crimes mais variados, todos relacionados com crimes de guerra e contra a humanidade cometidos, especialmente, contra os judeus. O tribunal de Nuremberg decretou 12 condenações à morte, 3 prisões perpétuas, 2 condenações de 20 anos de prisão, uma de 15 e outra de 10 anos. Hans Fritzsche, Franz von Papen e Hjalmar Schacht foram absolvidos.

Os equipamentos usados em Nuremberg haviam sido desenvolvidos pela IBM na década de 20 e usados pela primeira vez em 1927, na Conferência Internacional do Trabalho, em Genebra. Em Nuremberg, os intérpretes, todos acostumados com a modalidade consecutiva, estavam, em sua maioria, usando a tecnologia pela primeira vez. Eles não receberam treinamento apropriado e alguns não conseguiram usar com sucesso a nova tecnologia. Isso dificultou os trabalhos e levou o procurador americano, Robert Jackson (responsável de fazer a acusação contra os nazistas), a culpar o sistema de interpretação pelo fracasso do interrogatório a que submeteu o alemão Hermann Goering. Goering sabia bem o inglês, mas respondeu às perguntas em alemão. Ele conseguiu atrapalhar os intérpretes e o procurador norte-americano, sempre reclamando que as traduções não eram adequadas e exigindo que fossem reformuladas.

Quem quiser saber mais sobre o assunto, pode procurar o filme “O julgamento de Nuremberg” que reproduz trechos inteiros do julgamento e o retrata com fidelidade.



Fonte: [semprefilmes.com](http://semprefilmes.com)



## Para não esquecer!

Os conceitos estudados na unidade 4:

- \* Tradução técnica;
- \* Tradução literária;
- \* Interpretação;
- \* SignWriting;
- \* Gravações em vídeo;
- \* Tradução ou interpretação consecutiva;
- \* Tradução ou interpretação simultânea;
- \* Tradução ou interpretação sussurrada;
- \* Aproximação entre tradução e interpretação.



## REFERÊNCIAS

BAKER, Mona. Translation Studies. In: M. Baker (org.) *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. Londres e Nova York: Routledge, 277-280. Apud ATKISON, Rebecca Frances. **O intérprete em seu meio profissional:** por uma voz mais alta. Disponível em:

<<http://www.cipedia.com/web/FileDownload.aspx?IDFile=157428>> Acesso em 2 jul. 2010.

PAZ, Octavio. **Traducción:** literatura y literalidad. 3ª edição. Barcelona: Tusquets, 1990.

ROSA, Andrea da Silva. **Entre a visibilidade da tradução de sinais e a invisibilidade da tarefa do intérprete.** Disponível em: <<http://www.editora-arara-azul.com.br/pdf/livro5.pdf>> Acesso em 11 dez. 2010.

SEGALA, Rimar Ramalho. **Tradução intermodal e intersemiótica/interlingual:** português brasileiro escrito para Língua Brasileira de Sinais. Disponível em:

<[http://www.ronice.cce.prof.ufsc.br/index\\_arquivos/Documentos/Rimar%20Ramalho%20Segala.pdf](http://www.ronice.cce.prof.ufsc.br/index_arquivos/Documentos/Rimar%20Ramalho%20Segala.pdf)>.

Acesso em 1 dez. 2010.

